

Opinião do GLOBO

Novo secretário da Segurança é acerto de Lewandowski

**Indicação de Mário Sarrubbo revela
foco no combate ao crime organizado
e distância saudável da ideologia**

Logo depois de anunciado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva como novo ministro da Justiça, Ricardo Lewandowski afirmou ao GLOBO que a segurança pública seria "prioridade absoluta". Nesta semana, transformou as palavras em ato ao convidar o procurador-geral de Justiça do Estado de São Paulo, Mário Luiz Sarubbio, para assumir a Secretaria de Segurança Pública. A escolha deu fim a temores de indicação de acadêmicos ou políticos sem experiência em uma área crítica para o êxito não apenas da gestão de Lewandowski no ministério, mas de todo o governo Lula.

Sarrubio integra o Ministério Público de São Paulo (MP-SP) desde 1989 e tem longo histórico no combate ao crime organizado, tendo trabalhado como ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes. Sua prioridade no governo, como revelou a colunista do GLOBO Vera Magalhães, será promover maior integração entre Polícia Federal, polícias estaduais e ministérios públicos. É um certo. A

pulverização dos dados de inteligência por diferentes silos e investigações isoladas tem há muito beneficiado as redes criminosas, cuja atuação se espalha por diferentes estados ou mesmo países. Sarubbio levará para Brasília os métodos bem-sucedidos do Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado (Gaeco), do MP paulista, no uso de inteligência e estranhamento financeiro de crime organizado.

Na fazer o convite, Lewandowski demonstrou não se deixar guiar por inclinações ideológicas. Há poucos meses Sarubbou entrou com ação no STF contestando decisão do ministro Dias Toffi de anular todas as provas da delação da Odebrecht. Quando ministro do STF, Lewandowski sempre foi um defensor dos ritos jurídicos, do devido processo legal e um crítico contumaz dos abusos que atribuiu à Operação Lava-lato.

Dentro do Planalto há quem argumente que segurança pública é responsabilidade constitucional dos estados e, ao intervir na área, a União corre o risco de queimar a própria imagem assumindo crises que não são de sua alçada. Felizmente, a tese

vem perdendo força, como revela a escolha de Lewandowski. O modelo compartimentado de atuação já demonstrou estar falido diante de organizações criminosas que agem em escala regional, nacional ou internacional. A opinião pública sabe que é insubstituível o papel do governo federal na coordenação da prevenção e do

A expansão das facções criminosas por todo o país é uma realidade vivida na oferta de drogas ilícitas nas ruas, na situação caótica dos presídios, nos casos de corrupção de agentes públicos e no domínio de extensas áreas nas grandes cidades por traficantes e milicianos. O PCC, que ameaça todo o país, foi fundado em São Paulo na década de 1990 e tinha cerca de 3 mil integrantes em 2014. Hoje conta com dezenas de milhares. Os assassinos, apesar da queda registrada ao longo da última década, con-

trabalha ao longo de uma década, continuam em 22,4 por 100 mil habitantes, patamar altíssimo para os padrões internacionais. Como ministro, a principal missão de Lewandowski será enfraquecer as estruturas do crime organizado, além de prevenir e reduzir os crimes violentos.

ven em perdendo força, como revela a reportagem de Lewandowski. O modo do comportamento de atuação já demonstrou estar falido diante de organizações criminosas que agem em escala regional, nacional ou internacional. O modelo de atuação baseado no substituído o papel do governo federal na coordenação da prevenção e do combate ao crime.

A expansão das fações criminosas por todo o país é uma realidade visível. O crescimento das organizações, na situação caótica dos presidentes, nos casos de corrupção de agentes públicos e no domínio de extensas áreas nas grandes cidades por traficantes e malfeitores. O CCCC, que atuava no Rio de Janeiro, fundido em São Paulo na década de 1990 e tinha cerca de 3 mil integrantes em 2014. Conta com dezenas de milhares. Os assassinos, apesar da queda registrada na longa última década, continuam a ser uma ameaça. O Brasil, nos tempos, patamar altíssimo para os padrões internacionais. Como ministro, a principal missão de Lewandowski será enfraquecer as estruturas criminosas, reduzir a criminalidade e reduzir os crimes violentos.

meio de uma etapa concluída no dia 8 de janeiro, a maioria dos líderes, produtores, iniciadores e participantes da campanha tentativa de provocação da greve não compareceu ao meio da baderna da reunião.

Nesse contexto, Cássio, pequeno, mas capaz, e sim como a Polícia Militar reputado bolsonarista, reuniu os grupos que participaram, a expectativa dos dois sigilos do parlamento, envolvidos na mentoria.

Uma das estratégias adotadas meses pela experiência em Brasília naquela tarde espontânea, foi definida. Parece que os participantes mostraram ser bem receptivos à ideia de que, ainda que não podem ser atribuídos os sonoros a seu grupo.

O fio que começou a se desenrolar na direção oposta. A ideia do mapa do que vem sendo usado seu discurso no meio dos ataques para dividir e confundir com imprecisões e questionamentos. Esses três elementos da programação são raras e inesperadas no

Artigos

oglobo.globo.com/epiniac/
cartasileadobomita

VERA
MAGALHÃES



blogs.oglobo.globo.com/vera-magaalhaes/vera-magaalhaesilglobo.com.br

Sem apaziguamento

Foi deflagrada ontem a 24ª fase da Operação Lesa-Pátria, mas na verdade o que se viu foi apenas o começo de uma etapa crucial das investigações em torno do 8 de Janeiro: a que pretende chegar aos idealizadores, incitadores, organizadores e financiadores da tentativa de provocar uma ruptura institucional por meio da baderna e da abolição da ordem democrática.

Nesse contexto, Carlos Jordy parece ser um peixe pequeno, mas capaz de levar a outros maiores. Assim como a Polícia Federal chegou ao nome do deputado bolsonarista por meio de um dos líderes de grupos que participaram dos atos do dia 8 de janeiro, a expectativa dos investigadores é que a quebra dos sigilos do parlamentar leve a outros nomes envolvidos na mentoria intelectual dos eventos.

Uma das estratégias intensificadas nos últimos meses pela extrema direita é tratar o que houve em Brasília naquele dia como uma espécie de catarse espontânea, sem comando nem objetivo definido. Parece que tem funcionado. Pesquisas realizadas por institutos como Atlas e Quasest mostram ser bem disseminada na sociedade a ideia de que, ainda que condenáveis, os atos não podem ser atribuídos concretamente a Jair Bolsonaro ou a seu grupo.

O fôco que começou a ser desenhado ontem leva à direção oposta. Alexandre de Moraes parece ter traçado um mapa do que vem pela frente na cabeça. Ou não teria usado seu discurso na solenidade que marcou um ano dos ataques para dizer que paz e união não podem ser confundidas com impunidade, apaziguamento e esquecimento. Esses três parecem ser os objetivos nublados da pregação segundo a qual os condenados, réus e investigados pela barbárie de 2023 são “perseguidos políticos”, e as penas excessivas.

O que se busca a partir de agora é mostrar a cadeia de eventos que desagui no dia 8, quando houve a queda da nave de aleatória. O fechamento de rodovias logo depois do segundo turno, como se confirma a partir da troca de mensagens dos envolvidos na última etapa das apurações, já era fruto de intensa articulação de peixes muito pequenos, médios e grandes. São nós, por que não, os meios de veredade Carlos Victor

Da mesma forma, a queima de carros no dia da diplomação de Lula e o afluxo de ônibus no dia 7 de janeiro a Brasília, para engrossar um acampamento que se prolongava sem admoestação havia dois meses, não se deram por geração espontânea. Tudo isso requer premeditação, conexão entre grupos de diferentes estados, financiamento e grande poder de arrematamento de pessoas.

A saída de Bolsonaro do país, com todos os eventos que a antecederam e lhe sucederam, como o incêndio que o levou a ficar em um hospital, a tentativa de uma queima pesada para venda de joias recebidas pelo governo brasileiro, também será um capítulo a ser relacionado ao que houve em janeiro. Não custa lembrar que a delação do tenente-coronel Mauro Cid ainda não é conhecida. As interceptações de seu telefone mostraram que ele era o porta-voz de apelos que vinham até de integrantes da ativa das Forças Armadas, para que Bolsonaro desse algum

Moraes parece ter adotado um ritmo mais lento nessa etapa, que requer provas robustas para não fomentar a tese de perseguição política do Supremo, que corre a pleno vapor nas ações mobilizando as hostes bolsonaristas. Dai por que venha se amparando na parceria com PF e Ministério Público a cada novo passo que dá. E que não tenha decretado a prisão de Jorjy, algo que muitos deputados apostavam que viria nas horas seguintes à busca e apreensão. Quer evitar novo embate com a cúpula da Câmara até ter elementos sólidos. Como ouvi de um envolvido nas investigações, o que se viu ontem foi só o "comecinho".

*Aumento na concentração de renda
demonstra relevância da educação*

Tributação mais justa e transferências diretas são importantes. Mas só a melhora no ensino resolverá questão

O Brasil é conhecido pela concentração de renda — e ela tem piorado nos últimos anos, como constata um novo estudo do Observatório de Política Fiscal, do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV). Usando dados das declarações de Imposto de Renda divulgadas pela Receita Federal e estatísticas do IBGE, o economista Sérgio Gobetti concluiu que, entre 2017 e 2022, a renda dos mais ricos cresceu duas a três vezes mais rápido que a do restante da população.

Quanto maior a renda, mais ela subiu. No milésimo mais rico, topo da pirâmide constituído por 153 mil brasileiros, os rendimentos aumentaram 87% durante os cinco anos (de R\$ 236 mil para R\$ 441 mil por mês). No centésimo mais rico, ou 1,5 milhão de pessoas, o salto na renda mensal foi de 67% (de R\$ 52,6 mil para R\$ 87,8 mil). Entre os 5% mais ricos, de 51% (de R\$ 19,6 mil para R\$ 29,5 mil). Para os 95% restantes da população adulta, ou 154,3 milhões de brasileiros, a renda

mensal média cresceu apenas 33% em cinco anos (de R\$ 1,7 mil para R\$ 2,3 mil). Ajustando a lupa sobre a faixa de 0,01% dos mais ricos, ou 15 mil brasileiros, o crescimento foi de 96%, o triplo do registrado para os 95% mais pobres.

Como resultado do enriquecimento crescente à medida que se sobe na pirâmide social, os mais ricos também aumentaram sua participação na renda total: o centésimo mais rico passou a concentrar 23,7% da renda (ante 20,7%). Mais de 80% da concentração ocorreu em benefício do milésimo mais rico, os 153 mil brasileiros que, em 2022, tinham renda média

Gobetti atribui o crescimento da concentração de renda a isenções tributárias. "A melhor performance da renda dos mais ricos se explica sobretudo pelo aumento de lucros e dividendos distribuídos, hoje isentos de tributação, e por um segundo componente que pouca atenção tem despertado nas análises: a renda da atividade rural, cuja maior parcela também está isenta de tributação", escreveu em no-

ta técnica. A pandemia também contribuiu para agravar a concentração, por reduzir a atividade econômica e os rendimentos do trabalho.

É ilusório, porém, acreditar que a resposta para reduzir concentração está apenas ou principalmente na tributação. Se a distribuição de lucros e dividendos não paga Imposto de Renda, isso é compensado pela cobrança da pessoa jurídica, questão a ser equacionada em breve. É verdade que há outras distorções tributárias favorecendo quem tem maior renda, e elas devem ser corrigidas, mas a causa de fundo da concentração, que Gobetti não aborda, é

outra: a desigualdade de oportunidades na sociedade, resultado de um sistema educacional incapaz de formar mão de obra de qualidade, necessária para haver mais produtividade e riqueza bem distribuída. Acelerar a melhoria do ensino básico na rede pública é urgente. Mecanismos de transferência direta de renda ou uma estrutura de impostos com menos distorções são necessários. Mas apenas a educação será capaz de promover mudanças reais.

mento que se prolon-
dois meses, não se
nea. Tudo isso requi-
tre grupos de diferen-
grande poder de ar-

A saída de Bolsonaro dos que a antecederam, a queima pesado para o governo brasileiro, o relacionamento ao que lembrar que a delegação Cid ainda não é com seu telefone mostramos apelos que vinham das Forças Armadas, para tipo de sinal para que Moraes parece ter

nessa etapa, que re-
fomentar a tese de p-
mo, que corre a ple-
das hostes bolsona-
amparando na pare-
blica a cada novo p-
decretado a prisão o-
tudos apostavam q-
busca e apreensão. O
a cúpula da Câmara
mo ouvi de um env-
se viu ontem foi só a

de uma sem administração havia
deram por geração espontâ-
premeditada, conexão en-
de uma família, a fim de a-
regimentação de pessoas.
ro do país, com todos os es-
e o e sucederam, como o es-
de jóias recebidas pelo
também ser um capítulo a ser
houve em janeiro. Não Mau-
do tenente-coronel Castro
hecida. As interceptações de
que ele era o porta-voz de
de integrantes da ativa das
do Brasil, do desleixo, dos
os militares "agissem".
adotado um ritmo mais lento
que provas robustas para a
perseguição política do Supre-
no vapor nas atuais mobiliza-
cionistas. Daí por que venha se
com o Brasil e o Ministério Ju-
sua opinião. Como dá. E que não tenha
e o Jorg, algo que muitos depu-
de uma família, a fim de a-
que evitar nos embate, com
matê tre elementos sólidos. Co-
cluido nas investigações, o que
"comecinho".

[illegible]